2.ª SERIE TOMO III.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 26. QUINTA FEIRA, 6 DE MARÇO DE 1851. 10.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

FABRICA DO BICALHO.

Tivemos a honra de receber uma attenciosa carta dos — proprietarios da Fundição do Bicalho — com referencia ao artigo, que, em o nosso n.º 18, escrevemos ácerca dos Estatutos, que tinham por fim converter esta fabrica em propriedade de uma Associação. Vimos, com praser, que as nossas opiniões foram bem recebidas e até postas em pratica, por quanto alguns dos operarios da fabrica se fizeram seus accionistas.

Os jornaes do Porto dando esta noticia e precedendo-a das palavras, em que deixamos consignado um dos principios fundamentaes, que nos dirige a penna, fizeram-nos uma honra que neste logar devemos agradecer. Dando hoje publicidade á carta dos benemeritos proprietarios da Fabrica do Bicalho, devemos-lhes uma explicação franca do que dissemos a respeito dos seus Estatutos.

As nossas opiniões foram mais generalidades do que applicações. Estamos convencidos de que as Direcções da Companhia, em se convertendo totalmente em permanentes, deixam de satisfazer a muitos dos fins para que são destinadas. Era este o motivo, por que, nos parece, que a reeleição não deveria abranger todos os membros da Direcção, para que por esta fórma ella se podesse, pelo menos, renovar em parte. Insistimos ainda hoje nesta opinião como em um principio geral, e nada mais; e fazemos tal conceito dos Directores propostos para a — Fundição do Bicalho — que, se fizessemos uma excepção ao que temos como regra invariavel aconselhada por muitos exemplos, esta excepção seria a seu favor.

Quanto ao Concelho de Fiscalisação, tambem é como principio social que o consideramos, e como tal, parece-nos, que deveria ser composto de tres membros — e que deveria ser eleito pelos accionistas na sua primeira reunião, para que se não podesse dizer que os proprios, que propunham o pacto social, propunham já as pessoas que haviam de fiscalisar os seus actos.

No Porto, onde as pessoas indicadas para este encargo são conhecidas e respeitadas como das mais dignas — esta nossa reflexão não póde ser acceita; mas olhando para o facto, sem conhecer nomes, ninguem poderá negar a rasão que nos assiste. Nós respeitamos os cavalheiros que se prestaram ao serviço de fiscaes, como os que mais os podem respeitar — estamos persuadidos de que offerecem por si uma garantia valiosa aos accionistas: mas não queremos que, desta hypothese especialissima, se possa concluir que, em geral, approvamos o meio de estabelecer esta garantia em quaesquer outros Estatutos que se possam organisar similhantes aos da — Fabrica do Bicalho. Terminamos, publicando a carta e fazendo sinceros votos para que a empreza, que se tenta, obtenha os excellentes resultados que merece. — Eis aqui a carta: —

(Carta.)

300 *Sr. Redactor.* — Lemos com muita satisfacção o artigo da REVISTA n.º 18, que diz respeito á Companhia que formámos para a exploração da Fundição do Bicalho; reparámos neste artigo que v. e nós, professamos a mesma religião industrial e por tanto que o mesmo pensamento nos une. Tudo para a industria, tal é e será sempre nossa devisa.

Não ignoramos que em Portugal aonde a Associação está ainda na infancia a nossa tarefa é difficil, e ainda mais, visto que algumas companhias anteriores, não teem realisado o que se esperava dellas. Porém deve-

mos dizer que estamos em condições particulares, em relação ás companhias que se teem formado e tiveram no principio de construir, fornecer e alimentar o objecto posto em companhia; nós pomos um objecto (a Fabrica do Bicalho) já prompta edificada, fornecida de todas as maquinas e engenhos, alimentada de materiaes e possuindo uma numerosa freguezia, da qual os resultados são conhecidos de muitas pessoas e podem ser conhecidos por quem o quizer, pois que pomos á disposição do publico todos os documentos e livros que demonstram o seu andamento fabril e administrativo.

Os resultados passados fazem esperar resultados futuros que devem ser maiores, attendendo ás sympatias attrahidas pelo interesse que cada accionista terá de dar ao seu estabelecimento as obras de que precisar.

Outro elemento de successo vem das poucas despesas geraes do estabelecimento que sómente são, um foro annual de 144$000 réis; dois caixeiros 300$000 réis, a decima regulada segundo os dividendos: não ha outra despesa que não seja compensada pelo lucro que produzir.

Os Directores não teem vencimento fixo e recebem em proporção dos lucros, artigo 25.º § unico.

Pois se esta nossa empresa não deixar bons resultados, nenhuma não só em Portugal mas no mundo ha de ser productiva.

Na habil critica que v. faz dos estatutos da companhia da Fundição do Bicalho, vem o parecer de v. a respeito ao artigo 18.º ao qual não podemos deixar de responder,

Parece a v. que a reeleição permittida pelo artigo 18.º para os Directores primitivos não os deve abranger todos; permitta-nos de lhe responder que não compreendemos porque todos não deveriam ser reeleitos se assim o manifestar a assembléa geral em um voto por maioria, e ainda mais quando este voto é manifestado por accionistas de uma acção, pois que o artigo 31.º concede o direito de voto a todo accionista que o fôr por uma ou mais acção.

Parece-nos que os fundadores da companhia, teem dado pelo artigo 31 o mais extenso direito aos accionistas de manifestar sua vontade, e por tanto se os directores primitivos appresentam todas as condições de boa administração e merecem uma reeleição, não comprehendemos que haja obstaculo algum á sua reeleição.

V. diz que o conselho de fiscalisação não corresponde ao que desta garantia se espera, sem nos deduzir os motivos, motivos que teriamos querido conhecer a fim de poder responder cabalmente; porém na falta destes motivos, tomamos a iniciativa para explicar a V. como julgamos que o conselho de fiscalisação offerece todas as garantias possiveis.

Em primeiro logar os homens que foram escolhidos, e que se dignaram acceitar um encargo tão pesado, o foram entre as pessoas que offerecem as maiores garantias pela sua capacidade, sua posição social e seus conhecimentos especiaes; com effeito um delles, tem relações as mais extensas com o commercio maritimo, é dono de navios e caixa de muitas embarcações portuguezas e brazileiras, e por isso tem continuamente relações com o estabelecimento; o segundo membro do conselho de fiscalisação é engenheiro, chimico e assim póde fazer grandes serviços á companhia, serviços desinteressados como se vê pelo artigo 26 dos Estatutos.

Contrariamente ao parecer de V. julgamos que os motivos que existem para a nomeação no ponto social dos directores, são communs com com os para a nomeação do conselho de fiscalisação que vem completar a administração geral da companhia.

Esta nomeação antecipada do conselho de fiscalisação tem por objecto evitar todo atrazo para a constituição da companhia, appresentando por uma vez todos os membros que compõem sua administração, os fundadores da companhia offerecem á confiança publica os directores e o conselho de fiscalisação, resta ao publico a julgar e fazer o que intender, tomando ou não interesse na companhia.

Os dois cavalheiros que acceitaram o cargo de membros do conselho de fiscalisação, são a nosso ponto de vista homens dedicados a um trabalho penoso, pela devoção que teem ao estabelecimento, e d'um desinteresse tanto mais louvavel que suas funcções são, como já dissemos, gratuitas; poucos são os homens deste timbre no nosso seculo, em que o *veau d'or* é tanto adorado.

Acabamos agradecendo a V. pelo seu artigo n.º 18, e rogando-lhe o favor dos seus conselhos que receberemos sempre com satisfação e a devida consideração.

Porto 22 de Fevereiro de 1851

Somos de V. etc.

HARGREAVES KOPKE E COMP.ª

ARROZ — SUA CULTURA — UTILIDADES — INCONVENIENTES.

301 O arroz cultivado (oryza sativa) é uma planta annual, que se suppõe originaria da India, e China, e que pertence á familia dos gramineos. Suas raizes são fibrosas, superficiaes, e semelham-se ás do trigo; lança hasteas de 4 a 6 palmos, delgadas, e tão firmes, como as do trigo. As folhas são longas, estreitas, e terminam em ponta aguda. As flores teem estames de côr purpurea, e formam paniculos, como os do milho miudo. Os grãos estão um a um mettidos em folhelhos, cascas, ou capsulas sem pragana, e com duas ralvas, ou conchas quasi eguaes; e são oblongos, com um rego, semitransparentes, e ordinariamente brancos.

O arroz, como todas as plantas cultivadas de tempo immemorial, tem produzido muitas variedades. As das Indias, especialmente o *benafuli*, e o *guondoli* dão um grão melhor, que o arroz da Europa. Na China ha muitas, e excellentes variedades; o arroz imperial parece ser um terço mais temporão, que as outras variedades, e por isso vegeta melhor ao norte do Imperio. Ha no Japão uma variedade, cujo grão é muito pequeno, mui branco, e o melhor, que se conhece, muito nutriente, e delicado; porém os japonezes não o deixam sahir para fóra. Mas para nós as variedades mais interessantes são as cultivadas no Piemonte, e Carolinas.

Mr. Poúre trouxe da Cochinchina para a Ilha de França uma variedade de arroz, que se chama vivaz, ou perpetuo, porque todos os annos reproduz hasteas

novas; o grão é trigueiro, e de bom sabor; mas esta especie é por ora pouco cultivada na Europa.

Ha dez annos a esta parte, houve em França grandes esperanças em uma variedade de arroz sêcco trazido da Cochichina por Mr. Poúre, e espalhado por A. Thouin; suppunha-se, que poderia ser cultivado sem agua em terreno humido. Infelizmente os ensaios tentados em diversos sitios, e principalmente no Piemonte, vieram demonstrar, que esta planta é aquatica, como todas as outras variedades. Sabe-se com effeito, que o arroz sêcco das montanhas da Asia, particularmente da Cochinchina, e Madagascar não prospéra sem ser innundado, se não em paizes, e épocas aonde as estações proprias do anno abundam em chuvas constantes.

Cultura.

O clima exigido para o arroz não deve passar de 45.°, ou 46.° de latitude para o norte. É preciso para fructificar bem na Europa uma temperatura elevada durante 4, ou 5 mezes, pelo menos. Convem-lhe uma exposição meridional, e uma situação, que não seja sombria. O terreno pingue, humido, e naturalmente fertil, é preferivel.

O solo das arrozarias póde ser assás fertil, ou por si mesmo, ou pela decomposição de materias animaes, e vegetaes activadas sem cessar pela acção da agua para poder produzir o arroz sem estrumes por muitos annos consecutivos. Ha mesmo terrenos tão ricos, que corria risco de nelles accamar, ou tombar o arroz — o que inutilisaria a colheita: faz-se-lhes então succeder outros cereaes, principalmente o milho graúdo. Ha arrozarias, aonde o arroz é cultivado sem interrupção, em outras todos os 4, 5, ou 6 annos se submette a um anno de alqueire, durante o qual se estruma; ou então se adopta uma cultura alternada de milho, e linho. De resto os estrumes são convenientes de tempos a tempos, e de muita vantagem para os terrenos mediocres.

O arroz de todos os lados cercado de agua, que se deve constantemente renovar, desta tira quasi toda a sua nutrição, e por isso cança muito pouco as terras. As proprias folhas, e a presença da agua antecipam tambem muito efficazmente a evaporação dos principios fertilisadores, e a propagação das hervas. Resulta disto, que as colheitas, que succedem immediatamente á do arroz são limpas, abundantes, de muita vantagem, e póde prolongar-se a cultura deste gramineo por muitos annos successivos sobre o mesmo terreno com mais vantagem, do que para a maior parte dos outros gramineos.

Ainda que o arroz prefira um terreno fertil, todavia póde dar bons productos em um solo mediocre, com tanto que a camada inferior da terra retenha em sua superficie a agua, e materias fertilisantes. Diz-se, que esta planta é muito productiva em terrenos salgados, sendo assim, póde tornar-se muito vantajosa sua cultura nas nossas costas maritimas, ou terrenos adjacentes.

As aguas preferiveis para as arrozarias são as de rios, ou regatos, depois as dos lagos, ou lagoas; as de nascentes, ou póços são para o solo europeu as menos convenientes como as mais frescas, e menos proprias para a vegetação; mas quando não haja outras devem estar em deposito em um lago grande, e pouco fundo, ou temperal-as com estrume animal.

O terreno das arrozarias deve ser lavrado não muito profundo, principalmente o mediocre.

Em summa, a cultura do arroz não póde ser estabelecida com vantagem, se não em um bom terreno, nivelado, ou com uma pequena inclinação, a fim de favorecer a entrada, e sahida da agua, visinha de um rio, ou de outro qualquer deposito de agua favoravel, afastado, quanto for possivel de arvoredos, por causa da sombra e aves, e convenientemente preparado com lavouras, e adubios.

Antes de proceder á sementeira, deve fazer-se uma preparação particular ás arrozarias — consiste em dividir o solo em repartimentos, ou taboleiros quasi eguaes, quadrados, e contiguos, cuja extensão deve ser proporcionada ao declive, ou inclinação mais, ou menos forte do terreno, e é geralmente de 22 a 30 palmos de lado. Estes pequenos taboleiros são separados uns dos outros por pequenos vallados, ou combros de terra, cuja altura, e espessura se proporciona ao volume de agua, que devem conter, mas que teem geralmente 3 palmos de altura sobre um e meio de espessura, ou largura. Estes combros servem para todo o tempo se andar por cima delles, e reter a agua á vontade, e devem ter aberturas oppostas para a introducção, e escoamente das aguas. O solo dos taboleiros deve ser plano, e bem nivelado para a agua estar em toda a parte em egual altura.

A épocha mais favoravel para a sementeira é ordinariamente em Abril para as arrozarias novas, e meado de Maio para as antigas, cujo terreno arrefecido por uma innundação prolongada tem necessidade de ser aquecido pelos raios do sol, a que se deve deixar exposto. No momento de semiar deve introduzir-se-lhe a agua, e quando estiver uniformemente espalhada, com pouca altura, entra dentro um homem descalço, e semea-o como o trigo. Na Asia semeam o arroz aos regos; e na India, e China geralmente transplantam o arroz (tendo-o semeado em alfovres) quando tem 5 a 6 polegadas de altura. Em outros sitios semeam-no como o trigo, e não lhe introduzem a agua se não depois de estar semeado, e a terra gradada, ou esterroada.

A semente deve conservar-se com a casca, ou capsula, e estar de molho em agua um, ou mais dias antes de semear-se.

Para enterrar a semente — eis aqui o processo mais usado no Piemonte, e em outros paizes: Ata-se um cavallo, ou boi a uma taboa grossa, ou prancha de 12 a 13 palmos de comprido, e palmo e meio de largo, sobre a qual se colloca um homem de pé, da mesma maneira. que se sustenta em cima de uma grade; faz percorrer toda a terra do taboleiro com esta prancha, de sorte, que arrase todos os regos, e fique a terra lisa; deste taboleiro passa para outro fazendo passar a prancha de ponta, ou ao comprido pela abertura do combro, e assim em seguida a todos os taboleiros.

O tratamento do arroz consiste em distribuir a agua, que deve ser muitas vezes renovada, e sempre corrente, mas em pouca quantidade, ou pequeno volume, durante a vegetação da planta, devendo esgotar-se uma, ou duas vezes para poder mondar, ou sachar o arroz. Ao fim de 10 ou 15 dias principiam a appa-

recer fóra de agua as primeiras folhas; é preciso então augmentar a quantidade de agua, de sorte que a extremidade das folhas esteja sempre boiando ao cima de agua até que a hastea tenha o sufficiente desenvolvimento para se poder sustentar — o que se conhece pela existencia do primeiro nó, e uma côr verde carregada. Neste periodo de vegetação do arroz innundado, faz-se escoar a agua para dar mais consistencia ás plantas, e permittir o arrancamento das más hervas; mas deve restituir-se-lhe a agua em maior abundancia, logo que o arroz se principia a fazer amarello, e dê mostras de soffrer. Esta nova innundação activa com promptidão seu crescimento, e por isso se deve ír sempre augmentando — a agua, — principalmente no tempo das calmas, e da flor. Os combros, ou banquetas devem estar sempre limpos, e desembaraçados.

Antes do arroz estar em flor, isto é, pelo meado de Julho, deve espontar-se com uma foice. Esta operação facilima tem por vantajoso resultado — de, mais firme a planta, espigar, florecer, e amadurecer mais egualmente.

O arroz florece 15 dias depois da espontagem, e o grão forma-se ao cabo de outros 15 dias; quanto maior for neste periodo a abundancia, ou altura de agua, e de calor, maior será tambem a quantidade de arroz em grão.

Quando a espiga, e a palha se fazem amarellas — signal de maturação, deve tirar-se a agua dos taboleiros, e escoarem-se totalmente de modo, que a terra enxugue.

A colheita faz-se ordinariamente 5 mezes depois da sementeira, nos fins de Setembro. Ceifa-se pelo meio da palha, conduz-se á eira, malha-se, ou debulha-se, limpa-se, e criva-se, como o trigo, deixando-se seccar na eira sufficientemente; e descasca-se, e branquea-se em um moinho ordinario de fazer farinha, tendo previamente forrado de cortiça a mó, ou pedra para o grão não ser triturado; ao depois é peneirado, ajoeirado, e escolhido, etc.

Utilidades.

Uma das vantagens do arroz é a sua facil conservação, o que o torna muito util para longas viagens, e praças de guerra: além disto, é uma producção muito maior, que outro qualquer gramineo — de menor costeamento, — e deixa a terra preparada para uma boa producção, de outro qualquer genero.

Inconvenientes.

Resta agora saber-se, se todas as vantagens, que póde produzir o arroz podem comparar-se com o mal, que póde causar sua cultura na saude dos povos, e mesmo dos animaes domesticos. Não terei duvida em dizer, que toda a vez, que não haja uma corrente de agua sufficiente, exposição conveniente, assiduidade e limpeza na cultura, e as arrosarias em distancia necessaria das povoações — a cultura do arroz torna-se mais prejudicial, que proveitosa. Esta minha opinião corrobora-se com os effeitos morbidos, que sempre teem sido attribuidos, e mesmo experimentados em todos os paizes, aonde esta planta aquatica tem sido cultivada.

Em França existe ainda hoje uma ordenança, que expressamente prohibe a cultura deste gramineo; e ainda que seja uma lei muito antiga — mas nunca revogada — e por isso esquecida, ou em desuso, a cultura naquelle paiz é limitadissima, e muito vigiada pelas auctoridades competentes. Em Hispanha prohibiu-se esta cultura sob pena de morte, e apesar deste decreto cahir em desuso, ainda hoje não é permittido semear arroz se não na circumferencia, ou distancia de uma legua pelo menos de qualquer povoação.

Na America, Italia, e Piemonte, esta cultura é submettida a certas medidas restrictivas, que teem por fim minorar, ou diminuir os effeitos; e apesar disso os povos, na proximidade dos quaes esta planta se cultiva, padecem de continuo febres intermitentes.

Ourem 24 de Fevereiro de 1851.

A. L.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE LONDRES.

II

302 O grandioso pensamento da Exposição Universal, explicado nas primeiras publicações da commissão regia, e sobre tudo na que foi datada de 21 de Fevereiro de 1850, que póde considerar-se um convite dirigido á generosidade britannica, teve a principio mui fraca acceitação; decorreram alguns mezes, e a somma das subscripções montava apenas a sessenta mil libras esterlinas; quantia tão diminuta á vista do orçamento de 200 mil libras reputada necessaria que se geraram vehementes suspeitas de não ir ávante o projecto. Os cidadãos e o commercio de Londres mostraram-se liberaes; e na verdade muito lucravam com a exposição, que attrahia á metropole da Gram-Bretanha numero avultadissimo de concorrentes, assim nacionaes como estrangeiros; mas não se accendeu nos condados ou provincias igual enthusiasmo.

Combinavam-se além disso outras causas de tibieza, senão de má vontade: por exemplo, muitos fabricantes se receiavam de um concurso de productos industriaes, em que se ommittiam os preços dos objectos; reputando que o principal merecimento dos productos inglezes, a barateza, incorria no risco de ser offuscado pelo brilho seductor da apparencia muito mais variada e elegante de grande numero dos que viessem de fóra, sobre tudo dos procedentes das manufacturas da França.

Outros individuos, em quem não influia esta consideração, prendiam-se por outro motivo, inherente ao caracter nacional, — o simples calculo arithmetico. A Commissão regia pedia dinheiro, e bastante dinheiro, mas não dava a conhecer o algarismo da receita presumivel — a importancia das entradas — nem o como empregaria as sommas que ficassem disponiveis por falta de applicação: ninguem daria além do que se avaliasse necessario; e por evitar tal inconveniente o resultado era serem raros os contribuintes. Um dos membros da Commissão, o illustre Peel antevira este obstaculo, e para removel-o havia proposto, de accordo com Mr. Cobden um systema de *subscripções de garantia*, cujos titulos, entregues a um banqueiro serviriam de base á abertura do credito exigido para a execução das obras do edificio e outras despezas: todos os recebimentos entrariam na casa do banqueiro, e

sómente se pediria aos subscriptores, proporcionalmente á promessa de cada um, a differença para menos entre a receita e a despeza, dado caso que a houvesse.

Sendo, porém, regeitado este methodo, reinou longamente a incerteza nos animos quanto á possibilidade de congregar os fundos necessarios; e só terminou em virtude de um accordo, nos termos do qual as despezas da Exposição seriam garantidas por certo numero de capitalistas, que pagariam o excesso da despeza, havendo-o, sobre o producto das entradas e subscripções, e ao contrario ganhariam a receita superabundante.

(Continúa.)

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO XXXIII.

(Continuado de pag. 292.)

Aniceto Muleta resolve salvar a patria.

303 O livro não foi levado ao cabo, mas a amizade do frade pelo sr. Aniceto tornou-se firme a não poder ser mais, que era o que este desejava. A chegada do miliciano ao convento da Graça causou pois a Fr. Thomaz uma alegria verdadeira; e quando o porteiro foi dizer-lhe ao refeitorio, que o sr. Muleta tinha chegado de fóra, e esperava por elle na sua cella, porque precisava fallar-lhe, o frade não fez mais do que engolir uns atraz dos outros os bocados de carne que tinha no prato, para ir logo ter com o seu amigo.

O sr. Aniceto estava sentado na borda da cama, com os braços caidos e os olhos fixos n'uma das traves do tecto, como quem está profundamente preocupado por um problema que não sabe resolver: quando, porém, sentiu os passos de Fr. Thomaz tornou em si, e levantando-se de pulo, correu á porta da cella.

— Fr. Thomaz, venha, ande cá; estava-o esperando. Tenho que lhe contar, quero ouvir o seu conselho — bradou o capitão.

— Sss! — exclamou o frade admirado de que o manhoso Aniceto lhe quizesse ouvir os conselhos. E sentando-se, esperou, que este lhe explicasse o que assim o movia a um acto tão insolito.

— Soube uma coisa, soube-a de um modo exquesito, por acaso, não importa porque via... sobe em fim que se medita uma acção atroz, um crime terrivel. — Isto disse-o o capitão, mascando as palavras, e com tal confusão de murmurios, e meias frazes, que o frade o não pôde intender. — Que lhe parece Fr. Thomaz, o conde de Castello-Melhor está bem seguro no valimento d'El-rei?

— Sim — respondeu Fr. Thomaz do Espirito-Santo, que era muito do partido do valido.

— Os jesuitas fazem-lhe guerra; porque querem ministro que seja delles e não do reino; e os jesuitas pódem muito.

— Sss! — exclamou o frade em tom de despreso.

— Podem, lá poder, podem. Trazem a côrte toda envolvida n'uma rede religiosa; a uns seguram-nos pela confissão, a outros pela penitencia; a estes prendem-nos com a historia de um milagre, áquelles com a promessa de muitas indulgencias; e tudo para fins seus politicos, que não esquecem nunca, para que fazem convergir tudo!

— Abusam da religião! — exclamou Fr. Thomaz com a indignação que o leitor póde calcular, á vista da longa frase que elle soltou.

— Abusam, mas vencem; e elles não estão contentes com o Castello-Melhor, que lhes não faz quanto desejam. Não ha crime de que o não accusem, nem guerra que lhe não movam. Mais dia, menos dia, temos ministro jesuita a governar.

— Não, El-rei... não.

— El-rei não quer abandonar o seu valido, tem rasão Fr. Thomaz. Mas V. R. deve lembrar-se que os jesuitas tem artes para tudo, e então mais cedo ou mais tarde...

— O confessor...

— O confessor d'El-rei não é jesuita, é verdade — accudiu o sr. Aniceto, que traduzia em frazes as palavras soltas do frade. — Mas V. R. bem sabe, sabe melhor do que eu, que os jesuitas tem preceito de affastarem de ao pé dos principes os confessores das outras ordens, para elles ficarem em seu logar. Ora veja como elles já dominam o Infante, e governam na vontade da Rainha; se elles podessem pôr D. Pedro em logar do sr. D. Affonso, estou certo que o fariam.

— Não receio.

— Tambem eu não, por ora; e por isso lhe quero pedir um conselho ácerca de um grave as-

sumpto, que importa á paz e segurança do reino, e d'El-rei talvez.

O frade fez um gesto de admiração.

— Eu soube, — já lho disse ha pouco, — foi a Providencia quem mo fez saber — soube um segredo terrivel, e não sei ainda o que hei de fazer delle. Ouvi eu mesmo, ouvi dizer ao Infante com estas orelhas que a terra ha de comer...

— O sr. Aniceto, que baixára a voz para dizer estas ultimas palavras, calou-se de repente, e olhou em roda de si, com tal ou qual desconfiança.

— Diga — accudiu Fr. Thomaz com um gesto animador.

— Ouvi o Infante ordenar a alguem que mandasse... — Silencio, nem palavra a este respeito, Fr. Thomaz.

Esta recommendação fez sorrir o frade.

— Que mandasse assassinar o Castello-Melhor.

— Jesus!

— E isto sabado, quando o conde fôr ás suas devoções na Madre-de-Deus.

— Vá dizer...

— Era sobre isso que eu queria consultar V. R. Eu ouvi esta ordem, por acaso é verdade, mas ouvi-a... estando escondido .. a espreitar. E se eu fôr revelar ao conde este segredo de S. A. e se souber que fui eu, fico perdido; morro com toda a certeza ás mãos de algum dos valentes do Infante.

— Vá — repetiu o frade levantando-se e fazendo um gesto imperioso.

— Mas lembre-se Fr. Thomaz, lembre-se de que eu, o seu amigo Aniceto Muleta, serei assassinado, se os do Infante souberem que foi por minha causa que elles não satisfizeram a sua vingança.

— Vou eu — disse Fr. Thomaz.

— Não, não, irei eu, e não V. R. — accudiu o capitão Aniceto, assustado pela resolução do graciano.

Muleta queria tirar proveito do segredo que sabia; receiava porém perder a vida no negocio, e por isso hesitava ainda em o revelar a quem lho podia pagar. Tendo pensado melhor, durante esta conversação com Fr. Thomaz, nas vantagens que da sua situação podia tirar, tomou a resolução de ir elle proprio contar tudo ao valido.

— Fr. Thomaz, os homens nasceram para os perigos. O que importa a vida de um pobre diabo, como eu, quando se trata de salvar a patria; porque é, é de véras salvar a patria o livrar o conde de Castello-Melhor da morte. Estou resolvido a ir ao paço procurar o conde, e contar-lhe tudo.

— Bom!

— Morrer pela patria é o meu dever, não é assim, Fr. Thomaz?

O frade acenou com a cabeça em signal de aprovação.

— Quem se não arrisca pela patria nem merece o nome de homem. — E proseguiu murmurando: — Quem se não arriscou, nem perdeu nem ganhou.

— Sss! — fez o frade, contente das boas maximas que ouvia ao seu ex-noviço.

— Se eu morrer, meu rico Fr. Thomaz, se eu fôr martyr do furor dos inimigos d'El-rei, reze-me missas por alma, para que Deus me tenha em gloria.

— Cem — disse Fr. Thomaz.

Agarrando nas mãos do frade, beijando-lhas, e cobrindo-lhas de lagrimas o sr. Aniceto Muleta exclamou:

— Obrigado, muito obrigado, meu querido Fr. Thomaz da minha alma. Estou salvo; fico seguro de ser bem recebido no céu com os suas missas. Ai, que não sei como lhe hei de agradecer tanta mercê!

— Filho! duzentas... duzentas. — E as lagrimas corriam pela cara do frade a quatro e quatro.

— E se eu podér escapar, se me fôr necessario fugir, assim pobre como eu sou...

— Cem cruzados — disse o frade.

— Muito, muito agradecido Fr. Thomaz. Devo-lhe muito, devo-lhe tudo, meu protector, meu amigo.

— Duzentos.

Esta palavra excitou a tal ponto a sensibilidade do capitão Aniceto, que ficou soffocado, sem mais poder dizer palavra, nem fazer gesto que se intendesse. Era uma scena sentimental, que faria chorar as pedras, se as pedras chorassem, mas de que o sr. Aniceto interiormente se ria.

No dia seguinte pela manhã, ás horas em que o ministro valido de Affonso VI dava audiencia na grande sala do paço, o capitão Aniceto Muleta poz-se a caminho para o Terreiro do Paço.

JOÃO DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

RECORDAÇÕE DE ITALIA.

IV

Genova.

(Continuado de pag. 248.)

304 Estou fundeado em Genova. Cobre-me o céu esplendido, e celebrado da Italia. Talvez até esteja perto do sitio, aonde se affundou o *desordeiro* Fiesque, revolucionario mal-agourado, como tantos, promettido em vida ás iras implacaveis *conservadoras*, sujeito depois de morto, aos commentarios acerbos e calumniosos das suas pennas envenenadas, e vingativas.

Vejo a Italia, mas como nos versos do poeta, expirando no verdor dos annos, Giacomo Leopardi:

O patria mia, vedo le mura e gli archi
E le colenne e i simulacri e l'erme,
Torri degli avi nostri;
Ma la gloria non vedo,
Non vedo il lauro e il ferro ond'eran carelsi
E nostri padri antichi. . . . . .

Gemeas na mesma dôr, a minha e aquella terra, podiam repetir esses plangentes e maguados brados n'uma mesma voz, e affogados n'um mesmo pranto. Lançado na revolução, quasi ao desabrochar da vida, vira as coronhas estrangeiras descançarem nas praças do velho Porto: e ainda de volta a Lisboa, presenceára a bandeira ingleza hasteada sobre as antigas torres, banhadas pelo soberbo Téjo, então humilhado e servo! . . . . .

O meu bom amigo italiano não dizia palavra, mas pensava, acho eu, no mesmo assumpto. Estes accordos democraticos, é que não ha tyrannia que os desvaneça. O pensamento é incrucificavel, e ri-se de todos os Pilatos, e phariseus. Supposto isto, sentei-me prosaicamente sobre um bahú, e accendi um charuto, com aquella intima, e inexplicavel voluptuosidade, que acompanha o fumador, quando comprehende de véras as delicias dessa philosophica operação,

Não tardou que a policia nos apparecesse, com o seu gesto grave, solemne, e interrogador.

De casaca á paisana, e chapéu redondo, ou de farda azul, bordada de prata, e *bonet* de galão, declaro que nunca me são agradaveis os cumprimentos desta senhora.

Affirmam que o mundo não póde passar sem ella. Não contesto: declaro, entretanto, que a minha humilde pessoa prescinde optimamente da sua existencia, e paternal sollicitude. Pediram-nos os passaportes. Entregamo-l'os. Neste acto, não pude deixar de commemorar, comigo mesmo, os trabalhos penosos a que se sujeita um homem que quer viajar.

O fisco tem feito importantes descobertas no assumpto em questão. Se custasse apenas dois mil e quatrocentos réis, era exorbitante, mas ao menos logico. Mas que me importa a mim o sello, e a amortisação de notas? Que ganha um proletario, na existencia de uns pedaços de papel, chamados *notas*, e d'um estabelecimento de credito, que lhe não faz credito, denominado *Banco?*

O sello? . . . . Se apparece impresso, para dar realce ao papel, prescindia de tanta gloria: se é para se mostrarem as armas de Portugal, a exposição não havia inconveniente em que fosse de graça: era assim que a minha bolsa entendia a questão: mas o fisco pensa de outro modo, e tem argumentos decisivos em favor da sua opinião,

Esperámos duas boas horas, que a policia soletrasse em terra cada uma das sillabas dos poucos eloquentes dizeres, que completam a authenticidade pessoal do viajante.

Podia decorar cada um dos aspectos daquelle limitado, e bellissimo panorama: e ao mesmo tempo praguejar contra a preguiça, e os escrupulos administrativos. Mas é necessario confessar que, em relação ao passaporte, é extremamente rasoavel o aphorismo italiano: « *chi va piano, va sano; chi va sano, va bene.* »

Em Italia, metade da população, acho eu, sabe lêr e escrever, para ter o prazer de pedir á outra metade, e aos estrangeiros, o passaporte. Não se dá um passo, sem vêr á portinhola da diligencia uma cara, realçada por um ponto de impreterivel interrogação, e que estende o braço sem cerimonia para vos encher com um sello o espaço branco do vosso inseparavel documento. Felizmente, este serviço é completamente gratuito: ao inverso de tudo quanto existe em Portugal, que quanto mais absurdo e odioso, mais caro é.

Estava ancioso de vêr a terra, e no fim de duas compridas horas de espera, podémos finalmente navegar até ao pequeno caes, aonde reside a policia, e poucos passos distante a alfandega.

Attravessámos as ruas maritimas artificialmente improvisadas pelas embarcações, estendidas em linha, e abicámos á terra, aonde nos vimos rodeados dos terriveis *facchinis*.

Aqui valeu-nos o nosso experiente amigo italiano. Ajustámos preliminarmente com o capataz a conducção das bagagens: d'outro modo, acontecer-nos-hia, uma não pouco vulgar catastrophe: um pegaria na malla, outro no sacco de noite, algum tirar-nos-hia o chapéu, para o levar triumphantemente nas mãos, e quem sabe se não nos descalçariam as botas, para alcançarem um frete *honroso*, *rendoso*, e *pouco trabalhoso*.

Lembra-nos sempre, nestas conjuncturas, o dito de Voltaire, quando partiu da Hollanda: « *Adieu*, *canaux*, *canards*, *canaille*. » Esta ultima palavra póde-se applicar aos *fachini*, sem temor de offender a verdade.

A alfandega é polida como um camarista de semana, e não se demora muito tempo a registar bagagens. Arrependi-me então de não haver trazido alguns charutos de Gibraltar. Em Italia fuma-se caro e mal: ponto que a approxima de Portugal, com licença dos meus amigos do *Contracto do Tabaco*.

Estavamos no bairro de movimento commercial. Havia uma desafinação completa nas vozes de todas aquellas asafamadas turbas. Por aqui calculei, que o solfejo, e ainda menos o *contraponto*, não fez alliança com os *livros de rasão*, a *lettra-de-cambio*, a *factura*, e os *tutti-quanti* do mundo mercantil.

Adoro a civilisação. Quando tomo uma chavena de café com leite, e uma torrada, e me dizem que a porcelana é de *Sévres*, ou *Saxonia*, que o café veio da Havana, ou do Brasil, que o assucar é das Antilhas ou da America-inglesa, que a manteiga chegou de *Cork*, ou de *Hamburgo*, dou graças ao genio commercial, e ao espirito navegador.

Mas visto de perto, examinado no seu giro, enfastia-me, desgosta-me, aborrece-me. A minha alma artistica contrae-se como a sensitiva, em presença daquelle *babelismo* desharmonico, e tumultuoso.

Genova é uma cidade opulenta, e exclusivamente commercial. Aquelles palacios sumptuosos, aquelles marmores deslumbrantes, aquellas igrejas magnificas, tudo tem um perfume de *deve*, e *ha de haver*.

Passámos a região, propriamente mercantil, cahimos na atmosphera *banqueira*, tomámos lugar no *Hotel Feder*, situado mesmo defronte do *Banco de Genova*.

Que fadigoso aspecto! homens arrancando a carteira do bolso, outros escrevendo sobre um papel, alguns gesticulando com vivo interesse, a maior parte girando em caprichosas direcções.

Se para ter dinheiro, se precisa de tanto trabalho, venha antes a pipa descançada e ociosa de Diogenes, sem a repugnancia do tracto, que me atterra na seita cynica.

No *Hotel Feder* estava longe de Diogenes cem leguas. As escadas eram de marmore, os aposentos espaçosos, os tectos doirados, os tapetes de um delicioso padrão, os criados de um *toilette*, a fazer morrer de inveja qualqner burguez em ferias de domingo, levando á missa, de braço dado, a carinhosa esposa, e enxotando adiante os tirannisados fructos do seu amor religioso e legal.

Asseguram-me que o palacio, aonde agora está esta hospedaria, fôra em felizes eras, residencia do almirantado, e se vira passeado por não sei quantos Dorias, descendentes do famoso André, cuja gigantesca estatua, o povo diz corresponder exactamente ás suas proporções, em quanto vivo.

Não indaguei a verdade de ambas as coisas. Puz-me á janella, a *flanar*, como um cantor em disponibilidade, com a garganta repousada, e a bolsa vasia.

Um homem que tomasse ao pé da lettra, tudo quanto lhe dizem os livros, que se affastasse inteiramente da vida real, deveria ter emoções extraordinarias e novas.

Genova, a conquistadora, a rival de Veneza, a que se vira cortejada de reis, e nacções, sabeis o que fazia ás doze horas do dia? commerceava, traficava, mercadejava, vendia, comprava, enriquecia-se prosaicamente como um mercieiro esperto, ou um *marchand de nouveautès*, recentemente chegado de Paris.

Todos os tempos tem a sua poesia: a poesia do seculo desanove é diversa da dos outros seculos, não ha duvida: mas ou eu me engano, ou ninguem se lembra que a patria de Christovão Colombo, se divirta a passar lettras de cambio pelo canto das ruas, e se entregue exclusivamente ás operações do capital e juros.

Saímos para aproveitar as horas antes do jantar, e examinar o bairro elegante da cidade. Fomos á rua *Balbi*, a la *Estrada-Nuova*, visitámos rapidamente algumas egrejas, e o palacio ducal, e pousámos no fim no *Café da Concordia*, a tomar *vermuth*, vinho inventado contra o fas-

tio, e o conhecido *absintho*, licor celebrado por todo o gastronomo, que se prepara consciencio-samente para um jantar copioso.

O *Café da Concordia* tem a sua séde n'um palacio. Entra-se por uma formosa arcada de marmore, dá-se os bons dias a uma gentil ramelheteira, que nos offerece, com um sorriso, as suas flores, deliciosamente ordenadas, passa-se a um pequeno jardim, illuminado a gaz de noite, e depois examina-se um gabinete no genero *rococó*, de extrema opulencia e de maravilhoso aspecto.

São espelhos custosos que revestem as paredes: são mesas de pés doirados e tapetes turcos que mobilam o pavimento: são reposteiros e bambinellas de veludo vermelho que guarnecem as portas e as janellas: são sophás de veludo da mesma côr, que convidam ao *dolce far niente*, e que vos intimam que tomeis o desdenhoso *orientalismo* de um pachá de sette caudas, que não veja em sonhos o fatal cordão, que lhe ameaça a omnipotencia.

Ainda bem, não examinava, e não gosava deste luxo, exposto franca e rasgadamente, sem as prosaicas restricções de um genio meticulosamente economico, quando ouvi a voz do meu amigo italiano, que nos fazia o seguinte discurso: — Isto que vedes é uma miseria á vista do Caffé Pedrocchi, em Padova. Isso é que é luxo, isso é que é riqueza, isso é que é sonho das *Mil e uma noites!*

— Então quem diabo se lembrou de ir construir um caffé desses, n'uma pequena cidade? perguntei eu meio-incredulo.

— Pedrocchi era um pobre botiquineiro, que com as penosas economias do seu trafico, comprára umas casas; excavando-as, encontrára um thesouro. Ficou immediatamente acommettido do pensamento de Erostrato — o de ser immortal na posteridade: com a differença que um para o conseguir queimou o Templo de Diana, em Epheso, e que o outro, edificou o melhor caffé do mundo, e enriquecen a sua patria, com uma maravilha.

Levantei-me com enthusiasmo.

— Ó Pedrocchi, disse eu, tu eras um genio, e o destino não te tinha reservado para administrar calda de capilé, em copos de agua, nem para seres escansão de Jamaica, e marasquino, de Vermuth e absintho! comprehendeste o seculo, e é de crer que o seculo te não compreenda a ti. Napoleão, alcançou a gloria, exterminando alguns milhões de homens, em sanguinosas batalhas: Byron, Lamartine, e todos os grandes poetas, tem a semsaboria de se recommendarem aos vindouros, vendendo os mysterios da sua alma, e perdendo noites em tremendas e fadigosas vigilias! Tu, ficas eterno na memoria, em quanto houver viajantes na Italia, em quanto uma quantidade indeterminada de *lords spleenaticos*, e de *ladys* pallidas, e interessantes abrirem a boca de enthusiasmo, diante das pedras immortaes da tua famosa patria!

Sem ironia, se os barões fossem Pedrocchi, e se houvesse algum raio artistico na cabeça desses mercieiros, que fazem governo, e dão as cartas nesta *banca*, Portugal seria outra coisa que não é, e Lisboa teria deixado de ser uma cidade balcão, como a construiu o Marquez de Pombal, e uma cidade-pucilga, como a herdámos de Pedro II, e D. João V.

Já houve um auctor sceptico que disse que «o amor morava apenas no quente ninho da rola.» Eu affirmo que o elemento artistico existe apenas nas aguas furtadas de algum poeta ou litterato pobre.

Deixemo-nos de lembranças tristes: esqueçamo-nos da patria: vamos jantar á *table de hote*, do Hotel Feder, que já são horas, e beber á saude desse povo, que ou gire esfarrapado e faminto pelas ruas, ou se sinta conduzido no vivo galope de dois cavallos, rico ou pobre, fidalgo ou plebeo, é, será sempre, em todos os seculos, um povo artista.

LOPES DE MENDONÇA.

(Continúa.)

A LITTERATURA.

XII

(Continuado de pag. 260.)

305 O uso da lingua franceza, tão frequente, tão seguido, e sobre tudo a licção dos livros francezes, desde longo tempo muito generalisada, necessariamente havia de deixar fortissima impressão na nossa lingua.

Até onde se estendeu essa influencia? Não só até ao ponto de se introduzirem na nossa lingua um grande numero de vocabulos francezes, mas tambem de se *tomar do francez um modo particular de tecer o discurso, e um certo ar, geito, ou estylo de fallar e escrever, que é proprio daquella lingua, e que não conforma com a indole, genio e caracter da lingua portugueza.*

A nossa Academia Real das Sciencias não podia ficar impassivel ao ver o perigo que ía correndo a formosa lingua portugueza, e por isso o primeiro assumpto por ella proposto no programma de 1810, na classe de Litteratura Portugueza, foi o *Glossario ou Catalogo de palavras e phrases, em que se mostrasse com toda a individuação as que são proprias da lingua franceza, e que por descuido ou ignorancia se tem introduzido na locução portugueza moderna, contra o antigo e bom uso, e principalmente as que forem contra o genio da nossa lingua, e como taes inadoptaveis nella.*

Desempenhou este assumpto um litterato insigne, o Sr. D. Francisco de S. Luiz, compondo o bem conhecido *Glossario das palavras e phrases da lingua franceza, que por descuido, ignorancia ou necessidade se tem introduzido na locução portugueza moderna, com o juizo critico das que são adoptaveis nella.*

Qual plano de trabalho traçou o distincto auctor do Glossario? Qual principio regulador seguiu nos seus juizos criticos?

« Para executarmos este proposito, diz elle, « lemos muitas obras dos nossos modernos escri- « ptores, assim traduzidas do francez, como ori- « ginaes, que correm impressas; e nos servimos « das observações, que já tinhamos feito, ou de « novo fizemos sobre a sua linguagem, bem como « sobre os vocabulos ou phrases mais usadas na « conversação familiar, nos escriptos não im- « pressos, e nos sermões, e outros discursos das « pessoas litteratas, e dadas á licção dos livros « francezes, comparando-as com a locução dos « nossos classicos, e examinando-as á vista dos « diccionarios da nossa lingua. . . . . Em geral ti- « vemos sempre diante dos olhos esta regra: — « que sendo o vocabulo de boa origem, derivado « conforme a analogia, e ao mesmo tempo ex- « pressivo, e harmonico, se podia adoptar e tra- « zer á nossa lingua, ainda quando nesta hou- « vesse algum synonimo, que exprimisse o mes- « mo conceito. »

J. S. RIBEIRO.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

GRANDE CONCERTO.

306 Está reservada para a quaresma uma grande festa — toda de charidade. — É um magnifico e grandioso concerto, em beneficio dos meninos e meninas pobres, educados nos Asylos dos Cardaes, e no Recolhimento da rua da Rosa. Poucos estabelecimentos de charidade existem em circumstancias mais especiaes, do que os que deixamos mencionados. Perto de duzentas crianças pobres ahi recebem educação, e cem já estão recolhidas no proprio edificio em que são cuidadosamente ensinadas. Não é possivel fallar de taes estabelecimentos, sem citar com respeito o nome geralmente respeitado do seu fundador o Sr. Padre José Ilsley. Todos devemos avaliar este verdadeiro Ministro do Evangelho no desenvolvimento desses Asylos, que o seu fundador sustenta em parte, com o que rende o seu acreditado collegio de Entremuros.

Madame Novello e Madame Stoltz serão ouvidas neste concerto.

Não podemos ainda annunciar o local, por que infelizmente, tem sido até hoje baldados os esforços para alcançar uma sala propria para este grande concerto.

As philarmonicas e outras associações, que possuem salas proprias, por uma notavel disposição de seus estatutos, não tem facultado essas suas salas.

Attenta a especialidade do concerto, parece-nos que seria uma apreciavel obra de charidade a excepção que qualquer dessas sociedades fizesse no rigor dos seus estatutos, que não póde, nem deve abranger uma disposição que se converta em meio de inutilisar a charidade.

Desejamos que este bello pensamento se realise depressa e completamente, e para que assim aconteça, faremos quanto nos seja possivel, porque os Asylos beneficiados tudo merecem.

CONGRESSO DA PAZ.

(Continuado de pag. 274.)

307 Por proposta de M. Cormenin igualmente se enunciou um voto contra o duello. M. de Girardin apoiou esta moção; formulou o seu parecer em palavras mui sentimentaes, recordando muito a proposito a infelicidade que lhe aconteceu, e que lhe deixou na alma pesares que o lapso de quinze annos não tem podido desvanecer.

Votada a proposta de M. de Cormenin, passou-se ás operações finaes, do costume em similhantes reuniões, isto é os agradecimentos, os quaes foram dedicados ao Senado de Francfort, ao presidente do Congresso, aos membros da commissão de organisação, e ao Dr. Warrentrapp, conhecido por seus trabalhos sobre as refórmas penitenciarias, e que tinha acceitado as fadigosas e delicadas pensões de secretario etc. A proposito destas operações finaes os inglezes sabem pronunciar breves discursos, onde muitas vezes reluz estro original. O Reverendo Henry Richard, sobre tudo, teve suspenso por alguns minutos o auditorio pelo feitiço de uma eloquencia magestosa.

Acabadas as allocuções coube a vez aos vivas e acclamações britannicas em honra da Allemanha em geral e da cidade de Francfort em particular, que fizeram bastante impressão no publico allemão, para quem era inteiramente novo o espectaculo.

Concluidas as sessões, ainda se reuniram pela tarde os membros do congresso nos jardins do Mein-Just, estabelecimento á borda do Mein, onde muitos jantavam. Muitos sairam de Francfort logo no domingo de manhã, os inglezes e americanos, pela maior parte, visitaram as ruinas em Heidelberg e Wiesbaden.

Notou-se — desde o começo — que a mor parte dos homens, que acolheram (aliás com effusão fraternal) os delegados da paz, não acceitavam sem certa reserva as propostas já votadas na reunião do congresso em Paris, muitos doutores allemães pertendiam fazer: a favor da guerra defensiva, excepções perigosas, que a commissão judiciosamente removeu: outros viam-se de algum modo coegidos pelo enthusiasmo das eschólas e da população a pró dos ducados dinamarquezes; outros finalmente hesitavam quanto ás questões do desarmamento, dos emprestimos e da não intervenção, levados da influencia dos acontecimentos contemporaneos.

Estas tres rasões explicam a ausencia ou o silencio de muitas notabilidades scientificas da Allemanha nesta grande manifestação, que todavia tinha para elles não pequenos attractivos.

Posto que menos concorrido e menos explendido que o antecedente rennido em Paris, o congresso da paz em Francfort foi uma instrucção util e produzirá fructo. De novo se excitou a publica attenção a respeito da nobre causa da humanidade; e d'ora avante a Allemanha intelligente está no caso de poder examinar o quanto são, em summa, superficiaes, as preoccupações e os receios de uma nacionalidade desconfiada de tudo.

Resta-nos sómente mencionar que na terceira sessão se leu uma carta, bem escripta, do arcebispo de Paris declarando a sua adhesão aos principios do congreso, appresentando-se em seguida na mesa grande numero de iguaes actos de adhesão, entre os quaes a commissão da assembléa fez especial menção das cartas de M. M., Bastiat, deputado francez, Horacio Say, conselheiro de estado, Selys-Longchamps, antigo deputado belga etc. etc. — O illustre e respeitavel M. de Humboldt tambem dirigiu ao congresso um notavel escripto no mesmo sentido, que não chegou a tempo de ser levado ao conhecimento da assembléa.

LISTA GERAL DOS OFFICIAES E EMPREGADOS CIVIS DO EXERCITO.

308 Esta lista é referida ao 1.º de Agosto de 1850, com as alterações até ao 1.º de Novembro do mesmo anno.

Contém os nomes de todos os officiaes que tem accesso, com as datas do assentamento de praça, e de todos os postos, mostrando com a maior clareza a sua antiguidade relativa nas respectivas armas, e as condecorações que tem; os nomes de todos os officiaes de veteranos e de praça a que não compete accesso, os dos empregados civis e dos officiaes dos corpos nacionaes, com a data da nomeação para o posto ou emprego que exercem, e as condecorações que tem. Mostra-se quaes são os quadros dos officiaes e empregados das differentes repartições, e os soldos, ordenados, gratificações e outros vencimentos que lhes competem. Contém mais varias noticias historicas e outras informações sobre os estabelecimentos militares.

Os Srs. subscriptores pódem mandar receber os exemplares por que subscreveram, pagando 480 réis por cada um, na loja de livros da viuva Henriques, rua Augusta n.º 1 em Lisboa. A mesma obra acha-se á venda na dicta loja e na de J. P. Lavado, na dicta rua n.º 8, e no Porto na de M. Coutinho d'Oliveira, rua dos Caldeireiros n.º 18 e 19. Preço 600 réis.

A Lista Geral dos Officiaes e Empregados da Marinha e Ultramar, segundo o mesmo plano, está a imprimir-se e brevemente se publicará. Subscreve-se para esta obra nas lojas acima referidas. Preço 480 réis, e para aquelles que assignarem tambem para a do exercito 240 réis; sendo os dois volumes 720 réis.

AMORTISAÇÃO EM INGLATERRA.

309 O primeiro fundo de amortisação (*sinking fund*) regularmente constituido em Inglaterra, foi obra de lord Walpole segundo um plano de 1716 do conde Stanhope. O decreto regulamentar desta nova instituição declarava que — as quantias applicadas áquelle destino não poderiam ser distrahidas para outro qualquer objecto ou emprego. «Pouco tempo decorreu, que não fossem desviadas essas quantias da sua legal applicação, já para servirem de garantia aos possuidores dos bilhetes do Exchequer (erario ou thesouro), já para pagamento dos atrazados de novos emprestimos, já para facilitar vastas especulações sobre os titulos ou acções de varias companhias financeiras.

Tendo uma existencia assaz agitada, posto que quasi esteril, durante as administrações successivas de Pulteney, do conde de Bath, e de Pelham, a amortisação começou a merecer, pelos annos de 1771, sisuda attenção dos financeiros. Nessa épocha, o doutor Price inseriu nas suas *Observations ou reversionary payments* um plano completo da extincção da divida publica. Por muitos annos as suas theorias obtiveram poucos leitores e ficaram sem applicação. Quando Pitt foi chamado á direcção dos negocios, para terminar a guerra desastrosa que a Inglaterra sustentava contra as suas antigas colonias da America, os seus primeiros pensamentos encaminharam-se para a divida e credito publico que pertendia restaurar; chamou a si o doutor Price, que lhe explicou os seus projectos e lhe fez comprehender a grande vantagem que se podia tirar do systema do emprego dos capitaes a juros compostos.

Esta theoria, então pouco conhecida, e que um financeiro francez, Peuchaud, debalde intentára fazer adóptar no seu paiz, seduziu o ministro, que então estava na flor dos annos, e que se apressou a desinvolvel-a perante a camara dos communs. Pouco depois um decreto de Jorge III sanccionou os planos de Pitt. Eis as principaes disposições desse acto, do qual foram tomadas muitas da lei franceza de 1816.

O novo fundo de amortisação e as operações ulteriores que devia effectuar, foram commettidos á superintendencia de uma commissão composta de membros escolhidos d'entre as pessoas mais notaveis da administração e das camaras.

A dotação da nova caixa foi fixada n'um milhão de libras esterlinas, fornecido por diversos ramos da re-

ceita publica, que se reuniram debaixo da denominação de fundo consolidado.

Esta dotação devia ser augmentada: 1.° com os atrazados dos fundos successivamente resgatados; 2.° com o producto das extincções das annuidades vitalicias: 3.° com as sommas que de futuro podessem ser economisadas por meio da reducção da taxa do juro dos fundos de toda a naturesa.

Estabeleceu-se que chegando os fundos á somma de quatro milhões cessasse completamente o juro composto, e que os dividendos e atrazados dos fundos resgatados seriam postos á disposição do parlamento.

Mais tarde, em 1792, Pitt, tendo relatado a florecente situação da fazenda publica, e promovido a resolução de que metade do excedente das receitas seria applicada á suppressão das differentes taxas, pediu e obteve que a outra metade fosse reunida aos fundos destinados á amortisação pelo acto de 1786. Além disso fez que fosse adoptada a disposição de que no futuro cada emprestimo novo fosse dotado com um fundo de amortisação egual a um por cento do capital nominal.

A vantagem do plano financeiro de Pitt foi immensa e tão viva a acceitação do publico que em poucos dias os fundos, decahidos a 54, subiram até 76. Pouco depois rebentou a revolução franceza e deu o signal da lucta sanguinolenta em que Pitt empenhou o seu paiz. Apoiado por uma parte na amortisação e por outra no banco de Inglaterra, que converteu em instrumento de guerra, o pertinaz ministro deu á divida publica um desenvolvimento colossal. Continuaram essa obra seus successores Percival, Vansittart, e Castlereagh. Quando pelo tractado de Paris foi restituida a paz á Europa, o capital da divida liquidada montava a mais de vinte e um milhar de milhões, que o encargo annual dos juros absorvia. No decurso de tão prolongada campanha, o fundo de amortisação nem sempre foi respeitado escrupulosamente. Em 1813 Vansittart tinha promovido o parecer sobre a disposição para que o producto da amortisação fosse applicado, com juros compostos, á extincção da divida. Foi por esse mesmo tempo que se levantou contra a amortisação uma reacção que, sendo timida a principio, não tardou em desinvolver-se com energia e arrojo. Os resultados annunciados por Price e Pitt estavam tão longe de realisar-se, a divida publica tinha seguido via tão diversa daquella em que devia entrar desde 1786, que a amortisação foi accusada de completa inefficacia. Começava então uma eschóla nova de economistas a tomar na opinião publica o ascendente que depois ganhou; pela voz de seu principal orgão, Roberto Hasmilton, sustentava não haver amortisação sincera e efficaz senão a que for alimentada pelo excedente normal do rendimento do paiz. Exposta na tribuna da camara dos communs, a doutrina de Hamilton foi geralmente approvada. Cumpre dizer que o estado das finanças dispunha singularmente os animos á adopção d'aquelle principio. De 1815 até 1822 o fundo de amortisação tinha imposto ao orçamento um encargo annual que montava de 400 a 493 milhões, de sorte que só á sua parte a divida e os meios de extinguil-a absorviam quasi a totalidade da receita publica e obrigavam a saldar-se em cada anno o orçamento com um deficit de perto de 400 milhões. Todavia, por mui consideravel que fosse o onus resultante de se manter o fundo de amortisação, que podia fazer-se á vista de uma divida immensa, que pela sua enormidade esquivava-se a todo o plano e calculo possivel de reducção? Não tardou que estas considerações obtivessem tão geral approvação, e até chegassem a influir com tamanha violencia o povo inglez, que em Spafield se reuniram operarios n'uma sedição formidavel invocando as reformas da fazenda reputadas necessarias. Na presença de similhante manifestação não havia que hesitar. Em 1826 pela primeira vez se pronunciou a commissão de fazenda contra o systema de amortisação em vigor. Dahi a dois annos, na sessão de 15 de Fevereiro de 1828, Sir Roberto Peel, então membro do gabinete na repartição do interior, tendo exposto largamente os embaraços da fazenda, concluiu accusando a amortisação de ser causa do deficit apontado. A pedido do ministro, nova commissão, munida de mais amplos poderes, foi encarregada de proceder a um inquerito sobre a situação do paiz em geral e aos meios de melhoral-a.

A commissão deu immediatamente principio aos seus trabalhos, cujo resultado foi reunido em muitos relatorios; o quarto tinha especialmente por objecto a questão da amortisação. (*)

(Continúa).

(*) *Journal des Economistes n.° 144.*

ALMANAK MENSAL
(PARA TODA A GENTE.)

Publicou-se o numero de Março.

Vende-se no escriptorio da REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE, rua dos Fanqueiros n.° 82, e nas lojas do costume.

PREÇOS.

Avulso 40 rs. — Por assignatura { Annual . . . . . 480 rs. / Semestre . . . . . 240 » / Trimestre . . . . . 120 »

Adverte se que esta publicação é exempta de porte de correio.